

# CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS EM RÉPTEIS - REVISÃO DE LITERATURA

WildLife Clinic Congresse, 2<sup>a</sup> edição, de 24/05/2021 a 28/05/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-89908-21-0

LISBOA; Natacha Mamede <sup>1</sup>, RODRIGUES; Fábio Ranyeri Nunes <sup>2</sup>, PAULA; Kamila Teixeira de<sup>3</sup>

## RESUMO

O carcinoma de células escamosas (CCE) é uma neoplasia maligna decorrente da proliferação de queratinócitos epidermais. É caracterizado como uma neoplasia de natureza invasiva, com destruição tecidual local, além de apresentar crescimento lento e baixo potencial metastático. Embora os casos de CCE sejam mais frequentes em mamíferos, essa condição também é relatada em répteis em todas as ordens que compõem a classe, podendo acometer tanto animais de vida livre, como de cativeiro. Dessa forma, o presente trabalho teve como objetivo apresentar uma breve revisão acerca do carcinoma de células escamosas em répteis. Para a elaboração deste estudo, foram consultados relatos de caso e revisões de literatura através de revistas acadêmicas disponíveis online, além de livros que abordavam o tema. Nos casos descritos em répteis, não foi observada predileção por sexo ou idade. A neoplasia tem comportamento menos agressivo quando comparada a observada em mamíferos. Metástases são raras, porém já foram relatadas em fígado, pulmões, tecido muscular e rins. Quanto a sua etiologia, sabe-se que em mamíferos, a exposição prolongada à luz ultravioleta causa lesões a nível de ácido desoxirribonucléico (DNA), culminando em mutações principalmente em regiões de pele glabra ou despigmentada. Em répteis, pela sua classificação como animais ectotérmicos e a consequente necessidade da utilização de luz ultravioleta artificial, principalmente quando criados como pets, a incidência do CCE tenderia a ser superior àquela observada em mamíferos. Há relatos de que mesmo aqueles animais que eram submetidos aos raios ultravioletas de forma apropriada para a sua homeostase desenvolveram o CCE. Por outro lado, há hipóteses sobre a possibilidade da herpesvírose e fibropapilomatose serem possíveis fatores de risco para o desenvolvimento de CCE, principalmente em tartarugas marinhas. Quando acometidos, os animais apresentam lesões que podem variar quanto ao seu aspecto morfológico macroscópico a depender da fase da evolução da doença, sendo a presença de massas e o posterior desenvolvimento de úlceras as alterações macroscópicas mais citadas. As massas císticas podem apresentar material pastoso amarelado, assemelhando-se a um abscesso. Dentre os locais de predileção, estão a cavidade oral, membros, região periocular, canal auditivo e outros tecidos, principalmente aqueles próximos às junções mucocutâneas. O diagnóstico definitivo do CCE é obtido a partir do exame histopatológico, porém outros exames podem ser de grande auxílio de forma complementar, seja o exame citopatológico no diagnóstico diferencial de um abscesso, seja o exame radiográfico na verificação de comprometimento de tecido ósseo. Os tratamentos comumente escolhidos são cirúrgico e crioterápico. O prognóstico do CCE vai depender da invasão tecidual local, além da ocorrência de metástases. Embora não seja frequentemente relatado em répteis, o CCE se torna um alvo importante de futuras pesquisas pelas lacunas de informações ainda remanescentes e pela sua importância clínica dado seu caráter invasivo e de destruição tecidual que podem comprometer o prognóstico do animal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carcinoma espinocelular, Oncologia, Reptilia

<sup>1</sup> Graduanda em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual do Ceará , natacha.lisboa@aluno.uece.br

<sup>2</sup> Médico Veterinário pela Universidade Estadual do Ceará - Médico Veterinário no Laboratório PATHOVET , frnr.mv@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual do Ceará , kamila.teixeira@aluno.uece.br